

TEATRO/CRÍTICA

Antunes encena obsessão perversa

GERALD THOMAS
Especial para a Folha

Vivi uma das minhas maiores emoções no último sábado. Depois de voar quinze horas de Nova York e ainda pegar uma estrada coberta de névoa, cheguei a Canela, essa pequena cidade sul-riograndense onde eu deveria me sentar a uma mesa com Antunes Filho e debater as questões do teatro, na frente de um público. Não aconteceu, pois cheguei um dia atrasado. No entanto, fui cair num dos mais belos espetáculos que já vi. Aquele debate planejado acabou acontecendo de outra forma e foi muitíssimo emocionante: Antunes e eu nos encontrávamos sim, mas através do trabalho, do seu trabalho. Ele não estava em pé no palco, como havia sido anunciado, mas era o palco inteiro.

Acho que nunca lucrei tanto com o diálogo, passivo que fosse para mim, como lucrei em assistir a um ensaio, sem cenário e sem luz específica, que acabasse ficando melhor que qualquer espetáculo pronto. É mesmo como espetáculo pronto, só me lembro de ter tido emoção parecida com o "Sonho de Uma Noite de Verão", de Peter Brook, em Londres, em 1969. O Drácula de Antunes é tão pessoal quanto o fantasma de Hamlet era para Zé Celso, ou o Joseph K era para mim em "O Processo". Antunes vê e revê o mundo do teatro com humor e relaxamento, com uma crítica e um ódio dos velhos, sedentos por sangue, sangue dos jovens. A "Transilvânia" de Antunes é um lugar onde um homem vai para encenar suas obsessões perversas. É também um lugar onde ele vai visitar trabalhos de encenadores de uma contemporaneidade remota, como Pina Bausch, Kantor ou Kazuo Ono, e olhá-los ironicamente da solidão claustrofóbica de um caixão. Mas essa Transilvânia é sobretudo um lugar para ele exercitar sua ilusão de imortalidade. Esse Drácula é lúcido e entende que seu exercício é um exercício sobre o tempo. Sua capacidade ilusória é que irá conduzi-lo ao sublime ou às trevas. Esse Drácula é o reflexo do próprio encenador no espelho. Como vampiro, Antunes é discreto e descrente o bastante para conseguir se enxergar nele, não esfregando a bandeira dos seus

desejos na cara de ninguém. Como vítima do vampirismo, ele prefere deixar que o público experimente o grau do seu erotismo masoquista e a sua submissão social.

É impossível não ver "Transilvânia" como um comentário muito bem-humorado sobre ele mesmo e todos nós, encenadores. Está tudo lá, desde a estética formal da década de oitenta até o manifesto político das décadas anteriores. Mas Antunes joga limpo com seus contemporâneos e com seu público, pois esse comentário incestuoso, que poderia ficar enclausurado entre quatro paredes, é transformado num belíssimo espetáculo que equilibra o riso e uma certa cruzeza emotiva da mesma maneira como um filósofo e historiador tem que equilibrar períodos históricos num só livro. E seu comentário é sem rancor. Ao invés de impregnar o público com citações ou chantagens com acusações sobre tudo que eles não fazem e deveriam estar fazendo, Antunes nos mantém naquele estágio de quase orgasmo por horas. Bom de sexo, compartilha todos os estágios e não apressa e não impõe regras a ninguém; não cria manifestos ou cartilhas. Simplesmente brinca de foreplay.

Seu segredo, assim como o segredo dos orientais, é o domínio do tempo. Essa "Transilvânia" é uma soma de tempos da vida de um brilhante encenador, regida por um tempo supremo que eleva os sentidos do espectador ao nível de algo difícil de explicar, mas que não está tão longe do "dionisismo". Esse tempo, estabelecido imediatamente nos primeiros exercícios que Antunes apresenta, é seu mais forte aliado se o público fechar com ele. Traduzido para o Brasil esse tempo permite ao encenador a entrar e explorar o território da fábula. Retraduzido para o seu elenco, que fala um rumeno ao contrário, essa fábula faz o teatro brasileiro dar um pulo de décadas pra frente e séculos para trás. A fábula com a qual Antunes já vem trabalhando desde a "Nova Velha História" e "Guilgamesh" não tem tradição no Brasil pois exige uma educação extremamente codificada e metodológica, típica de sociedades orientais, ou uma cabeça vazia e receptiva a tudo. De uma coisa eu tenho certeza: o que o Antunes está fazendo é o mais refinado e sofisticado teatro

que existe. Ele mesmo previne a platéia no início: "... quem quer ver bang bang, é melhor ir lá fora tomar uma Coca-Cola." Através de "Transilvânia" Antunes lembra a trajetória que Shakespeare completou em "A Tempestade", se inscrevendo na própria dramaturgia, se projetando como um homem renascentista e se dando o nome de Próspero. Intuitiva ou calculadamente, Antunes Filho também já ganhou poderes extraordinários e, com esse exercício, se isenta de qualquer crítica corriqueira sobre estilos, pois lida com seus contemporâneos através de um estruturalismo críptico, altamente irônico, exatamente como Shakespeare o fez em sua última peça, ou como Orson Welles em "Cidadão Kane".

Em posse desses poderes não há necessidade de berrar condutas sociais ou culturais, não há do que ficar reclamando. É um estágio único e que pouquíssimos alcançam. E é também um estágio que pressupõe um pulo tão alto quanto aquele anterior, dado pelo próprio Antunes na década de 70, ao lançar "Macunaíma".

Nada escapa desse tempo "fabulesco". De início, o público é apresentado a exercícios de improvisação, em que Sandra Babeto e Rosane Bonaparte fazem um soberbo cruzamento do conceito que Kazuo Ono imprimiu ao invocar um espírito em retrocesso, algo como uma Greta Garbo transformando a erosão do tempo a seu favor. E é com renascimento de sangue pregado por essa Garbo do primeiro exercício que Ludmilia Rosa ingressa na peça jorrando seu carisma sedutor, transbordando a dramaturgia da ambiguidade do que representa, em tempos modernos, o gosto pelo sangue, sendo ele um conflito imunológico e em muitos países um confronto ético, moral e neonazista.

Os atores de Antunes podem, através de um gesto, abolir ou recriar o tempo cósmico, sendo o universo inteiramente de sua autoria. Isso mostra um ser humano com dimensões de um deus ou de um monstro, mas nunca na escala mortal e pragmática do mundo moderno. Antunes ameniza o conflito introduzindo símbolos reconhecíveis e materiais nas cenas propriamente ditas. Mas tendo como in-

trodução esse tempo elevado, fluante e supra-real, as pequenas introduções de Antunes só transformam em sutis doses de humor. E nada lhe escapa, nem mesmo o conceito de "carpintaria teatral", pois coloca na boca de cena dois carpinteiros martelando e "amarando" as cenas. É curioso ver como o público ocidental reagirá a isso, ligado, da forma que é, aos "plots e complots", potas e comotas dos casos da vida como ela é. No meu caso, chorei de emoção em ver o vôo do morcego pra fora da caverna rígida que sempre o marcou.

Peça: Nas Trilhas da Transilvânia
Concepção: Antunes Filho
Onde: Sábado em Curitiba e ontem em São Paulo



O diretor Antunes Filho, autor da peça "Transilvânia"